

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS DO ALTO TEJO

Arqueologia e Património Construído na Região do Alto Tejo Português

Um olhar diacrónico sobre o território humanizado

A região da Beira Interior Sul é banhada pelo grande rio peninsular, o Tejo. É um território de contrastes geo-ambientais, onde, para além do grande rio, se inscrevem algumas das mais altas serras do distrito de Castelo Branco, bacias aluvionares, superfícies planálticas e, conseqüentemente, ecossistemas variados, embora alteradas pelo Homem ao longo de milénios.

Sendo uma zona de trânsito obrigatório entre o Norte e o Sul do território continental e entre o interior da Meseta e o litoral era previsível que o homem que por aqui tivesse passado e se tivesse fixado, desde as épocas mais remotas, de um forma permanente e rica de interações culturais.

A arqueologia deste território e o diversificado património que ainda nele se conserva, embora muito delapidado nos últimos trinta anos, comprovam essa perspectiva.

Os mais antigos acampamentos do homem pré-histórico, no Paleolítico Inferior e no Paleolítico Médio, podem ser encontrados nos terraços do Tejo, junto a **Vila Velha de Ródão**. Na Fonte das Virtudes e na Foz do Enxarrique o Homem de Neandertal deixou fortes marcas da sua presença nesta região.¹

Bem perto, para montante e jusante das Portas de Ródão, ao longo de cerca de 40 km de margens do Tejo e seus afluentes, entre os concelhos de **Nisa** e **Vila Velha de Ródão** situou-se um dos mais expressivos santuários pós-paleolíticos ao ar livre, de toda a Europa. Trata-se de um conjunto de mais de 30 000 figuras, geométrico-simbólicas, representações de homens e de animais, em grande parte submersas pela albufeira de Fratel, ilustrando uma pensamento mágico-religioso já muito complexo.²

As comunidades responsáveis por essas obras de arte gravadas na pedra enterraram os seus mortos em sepulturas megalíticas (antas e mamóas) de que se conservam algumas centenas principalmente no sul de **Idanha-a-Nova**, em **Proença-a-Nova** e em **Nisa**. Estes monumentos encontram-se entre as mais antigas obras de “arquitectura” conservadas nesta região.³

Da etapa seguinte da presença humana, durante as Idade do Bronze e do Ferro, conhecem-se principalmente povoados situados em pontos elevados, como o Monte de São Martinho (**Castelo Branco**), nos picos graníticos da área de Monsanto (**Idanha-a-Nova**) ou no extremo de cristas quartzíticas como em São Miguel (**Nisa**) ou no Muradal (**Oleiros**), locais por excelência de controlo

¹ Incluir imagem de Ródão Beira Tejo

² Imagem Arte Rupestre

³ Imagem anta Couto da espanhola e de maeriais

da paisagem e da mobilidade das gentes. Os achados de armas ou jóias metálicas, em bronze, em prata ou ouro, fazem aparição por toda a região, evidenciando a importância dos objectos de prestígio naquelas comunidades.

A região tem a particularidade de se situar em plena *nação* lusitana, abrangendo os territórios de dois importantes *populi*, os *Igaeditani* e os *Tapori*. E segundo os historiadores clássicos, as bodas de Viriato ter-se-ão realizado algures neste último território, onde viveria Astolpas o seu sogro.

Mas, é certamente com a Romanização que ocorre o mais profundo processo de ordenamento deste território e de exploração dos seus recursos naturais, até à exaustão. Na complexa e hierarquizada rede de povoamento que então se estabelece emerge a velha Egitânia (**Idanha-a-Nova**), importante cidade, sede de *civitas* cujo esplendor chega até aos tempos medievais e que contém a maior concentração de inscrições da Península. Entretanto muitos outros vestígios, nomeadamente de *vilas*, se encontram por toda a campina de **Idanha** e **Castelo Branco**, e neste último concelho, especialmente no *triângulo sagrado* situado entre São Martinho, Senhora de Mércules e Santa Ana.⁴

Por toda a região, constroem-se inúmeras obras de engenharia que sobrevivem, por vezes com uso quase até à actualidade, como pontes, calçadas (como as de Alpedrinha), barragens.

Exploram-se as melhores terras de aluvião. Da **Idanha-a-Nova** a **Nisa** e a **Oleiros** exploram-se minerais metálicos, a céu aberto ou em galeria, e ouro de aluvião cuja marca mais impressiva se encontra no vasto Conhal (**Nisa**) situado a jusante das Portas de Ródão.

Com a queda do Império atravessam-se tempos conturbados até à consolidação do Reino de Portugal. Esta será durante muito tempo uma terra de fronteira entre os reinos cristãos e muçulmanos, onde as ordens militares, do Templo, do Hospital e de Cristo, vão dar um contributo definitivo à construção de uma nova realidade cujos símbolos e instrumentos, do novo poder, são os inúmeros castelos da Raia que pontuam locais estratégicos em quase todos os concelhos do sul da Beira.

Com o advento da contemporaneidade há uma outra realidade que percorre e irmana todos estes concelhos. São as invasões militares vindas de leste, nos sécs XVIII e XIX. Os exércitos invasores entravam na **Idanha** deixando rasto de conflitos, pilhagens e destruições por toda a região, onde ainda se ouvem inúmeros relatos, sob a forma de lendas e sítios com história. Chegados à muralha natural constituída pelas serras das Talhadas, do Muradal e dos Ávelos ainda se podem ver fortes e baterias posicionados sobre as zonas de passagem obrigatória na rota para Lisboa. De entre estes merecem destaque as fortificações da Ponte do Alvito, na fronteira entre **Proença-a-Nova** e **Castelo Branco** e os de **Vila Velha de Ródão**, protegendo a passagem do rio na área das Portas.⁵

⁴ Idanha a velha

⁵ Baterias

A investigação arqueológica regional

Os primeiros e mais significativos trabalhos de investigação arqueológica nesta região, globalmente considerada, remontam ao início do Séc. XX e devem-se a Francisco Tavares de Proença Júnior, autor da primeira Carta Arqueológica do Distrito de Castelo Branco que também executou escavação em diversos monumentos e sítios.

Nos meados do séc. XX merecem destaque os trabalhos que, sob o impulso de D. Fernando de Almeida, conduziram à revelação da ocupação romana e medieval de Idanha-a-Velha.

Com a descoberta da arte rupestre gravada do Tejo, no início dos anos 70, é posto em evidência um complexo arqueológico pós-paleolítico de nível europeu e o maior do género existente em Portugal. Parcelas embora diminutas desse importante património têm sido divulgadas, em monografias ou sínteses cronológico-culturais, por dois dos investigadores do grupo inicial, António Martinho Baptista e Mário Varela Gomes.

Por essa altura têm início os estudos da ocupação paleolítica dos terraços do Tejo em Vila Velha de Ródão, uma linha de investigação que permaneceu até à actualidade sob a direcção do arqueólogo Luís Raposo (director do Museu Nacional de Arqueologia), e com resultados de enorme valia científica.

Também, desde o início dos anos 70, diversos arqueólogos integrados na Associação de Estudos do Alto Tejo, nomeadamente Francisco Henriques, João Caninas e João Luís Cardoso, desenvolvem, em toda esta região, projectos permanentes de cartografia arqueológica, homologados pelos institutos de tutela sobre o património arqueológico, e pesquisas mais aprofundadas (escavações arqueológicas) em sepulturas e povoados pré-históricos em Vila Velha de Ródão e Idanha-a-Nova.

Trabalhos recentes desenvolvidos pela arqueóloga Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra), no âmbito de uma dissertação de doutoramento publicada em 1995, permitiram conhecer de forma aprofundada o povoamento, em sítios elevados, de vasta região da Beira Interior, no final da Idade do Bronze.

O património arqueológico do concelho de Nisa tem sido objecto de estudo sob a coordenação do arqueólogo Jorge de Oliveira (Universidade de Évora) no âmbito de projectos de investigação que abrangem uma área mais vasta no distrito de Portalegre.